



Evento: XXX Jornada de Pesquisa ▾

AS REPERCUSSÕES DA DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E TECIDOS PARA AS FAMÍLIAS DE PESSOAS COM MORTE ENCEFÁLICA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS¹

Elisiane Bisogin², Débora Dresch³, Bruna Knob Pinto⁴, Pedro Luís Buttembender⁵

¹Projeto de pesquisa desenvolvido conjuntamente entre as Faculdades Integradas Machado de Assis e a Universidade Regional da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI

²Doutoranda em Desenvolvimento Regional (PPGDR/UNIJUI), Mestre Gestão Pública (UNAM), Graduada em Enfermagem (UNIFRA); Servidora da Fundação Municipal de Saúde de Santa Rosa (FUMSSAR/RS). Bolsista Prosuc/Capes. E-mail: elisiane.bisognin@sou.unijui.edu.br;

³Enfermeira, Egressa curso de Bacharelado em Enfermagem da FEMA/RS. E-mail: debora-dresch@hotmail.com;

⁴Enfermeira. Doutora em Ciências. Docente do curso de Bacharelado em Enfermagem da FEMA/RS. E-mail: brunaknob@fema.com.br

⁵Doutor em Administração (UNAM e UFMS), Mestre em Gestão Empresarial (FGV/Ebape), Administrador (Unijui), Professor do Programa de Pós-Graduação PPGDR/UNIJUI. Pesquisador Produtividade CNPq e Pesquisador Gaúcho-Fapergs. Membro da Coordenação da Cátedra Doutoral Internacional Red CIDIR. Estagiário Pós-Doc no PPGDPP/UFRS. E-mail: pedrolb@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

A doação de órgãos consiste na remoção do corpo de um doador em morte encefálica e transplantá-los em pessoas consideradas receptoras (Assis, *et al.*, 2023). O transplante de órgãos e tecidos é um tratamento eficaz para insuficiências terminais de alguns órgãos e tecidos, resultando na melhoria e expectativa de vida do receptor (Grossi, *et al.*, 2014).

O Brasil apresenta reconhecimento mundial sobre esta temática. Destaca-se como sendo um dos países em que está estabelecida uma das maiores políticas públicas de doação de órgãos do mundo, operacionalizado através do Sistema Nacional de Transplante (SNT), em que 96% são pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (Aranda, *et al.*, 2018; Rossato, *et al.*, 2020; Batista, *et al.*, 2024).

Apesar do Brasil apresentar-se em destaque como um dos países mais desenvolvidos na doação e transplantes de órgãos, há uma diferença significativa entre a ocorrência de óbitos, a relação de potenciais doadores e o número de transplantes efetivados. A cada 1.000 pessoas que morreram, 14,5 poderiam, no máximo, ser doadoras em morte encefálica e apenas 2,6 tornaram-se doadoras (Associação Brasileira de Transplante ABT, 2023).

Após a identificação do potencial doador, para que ocorra a retirada de órgãos para doação há a necessidade da autorização da família. Entretanto, para as famílias dos potenciais



doadores, este é um processo que as coloca frente à finitude da vida, a qual se revela no conceito de ME (Cajado, 2016) e é neste contexto que os mesmos são informados sobre a possibilidade de doação de órgãos e precisam tomar uma decisão (Knihs, *et al.*, 2015).

Diante do exposto esta importante política pública tem relevância ao sistema de saúde e objetiva-se através deste estudo identificar as repercussões para as famílias sobre a doação de órgãos e tecidos em pessoas com ME.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa, desenvolvida conforme os seis (06) passos adaptados ao português por Mendes, Silveira e Galvão *et al.* (2008). A primeira etapa consistiu na delimitação da questão de pesquisa: “Quais as repercussões para a família de pessoa com ME frente a (DOT)?” Posteriormente, foram definidas as bases de dados para as buscas de artigos científicos: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), da *Public Medical* (PubMed) e *Scientific Electronic Library Online* (Scielo).

Os descritores utilizados previamente consultados nos dicionários *Medical Subject Headings* (MeSH) e Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) foram: obtenção de órgãos e tecidos, família, morte encefálica, todos em suas versões na língua portuguesa, inglesa e espanhola. Não foram utilizados limites temporais. Como critérios de inclusão, foram selecionados estudos em português, espanhol e inglês, texto completo, online e gratuito.

Na sequência houve a análise dos estudos, procurando explicações para os diferentes resultados encontrados. Após a organização dos resultados foi realizada a discussão dos resultados à luz da literatura científica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 96 artigos na base de dados LILACS, 44 artigos no PubMed e 61 artigos no Scielo, totalizando 201 artigos. Após a leitura dos mesmos 170 foram excluídos por não se adequarem à temática proposta e 09 por não estarem disponíveis na íntegra. Integraram o estudo 22 artigos, sendo 14 da base de dados LILACS, cinco (05) da base Scielo e três (03) do PubMed.



Conforme os estudos, ao receberem a notícia do risco ou a concretização da ME, os familiares relatam sentimentos de tristeza, dor, vazio, medo, que podem ter como desfecho a revolta e negação (Knihs, *et al.*, 2015; Rossato *et al.*, 2020; Knihs, *et al.*, 2021). Frente a finitude da vida, muitos familiares mantêm esperança de reversão do diagnóstico da ME, por não entenderem o processo fisiopatológico cerebral e sua relação com a terminalidade.

Sentimentos de insegurança e medo em autorizar a DOT da pessoa viva são relatados por familiares em estudos (Moraes, Massarollo, 2008; Knhis *et al.*, 2015). Perante o sofrimento, a família busca uma solução para a situação, e autorizar a doação dos órgãos ou o desligamento dos aparelhos, não é a maneira mais fácil de acabar com o sofrimento, mas manter o paciente ligado em aparelhos é o mesmo que esperar uma melhora que não irá acontecer (Moraes, Massarollo, 2008).

Para muitas famílias, o entendimento em poder ajudar, colaborando na melhoria da saúde de outras pessoas é um fator que auxilia no consentimento da doação. Este aspecto tem sido considerado um fator positivo das famílias lidarem com o luto, favorecendo a aceitação (Weiss *et al.*, 2017; Alonso *et al.*, 2022). Outro aspecto favorável a tomada de decisão positiva à doação pelos familiares tem sido relacionada ao conhecimento familiar do desejo da pessoa com ME, pois respeitar a vontade do potencial doador, auxilia na decisão de tomada favorável dos familiares (Moraes, Massarollo, 2008; Grossi *et al.*, 2014; Rossato *et al.*, 2015; Fernandes *et al.*, 2015; Knhis *et al.*, 2015).

Estudos apontam diferenças entre as famílias que consentem a DOT de outras que negam. Os fatores como estão relacionados à escolaridade, crenças religiosas, renda familiar e qualidade da informação recebida no processo de doação e transplantes têm sido identificados como elementos influenciadores da decisão da doação (Grossi *et al.*, 2014; Knihs *et al.*, 2021). Neste contexto, indivíduos com maior grau de instrução são mais esclarecidos e com maior entendimento sobre o processo de DOT (2017; Klug *et al.*, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da DOT possui relevância no contexto da saúde pública, os familiares são os protagonistas do processo de doação, pois têm responsabilidade pela decisão em que o desfecho será favorável ou não para a doação. A compreensão das etapas vivenciadas pela



família, seus sentimentos e seus conflitos contribui para criar-se possibilidades de abordagens mais assertivas, buscando minimizar ou superar as dificuldades vivenciadas.

Os profissionais de saúde, em especial a equipe de enfermagem, possui papel de destaque no conjunto das ações realizadas durante toda a internação, constatação da ME e processo de DOT. Torna-se relevante a qualificação contínua técnica, ética e humana na abordagem familiar nos ambientes hospitalares, visando estabelecer uma relação empática e de compaixão com capacidade de oportunizar vivências acolhedoras e seguras.

Palavras-chave: Obtenção de tecidos e órgãos. Família. Morte Encefálica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, V. F. et al. Experiência de famílias de doadores falecidos durante o processo de doação de órgãos: um estudo qualitativo. **Acta Paul Enfermagem**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO004334>. Acesso: 15 de julho de 2025.

ARANDA, R. S. et al. Perfil e motivos de negativas de familiares para doação de órgãos e tecidos para transplante. **Revista baiana de enfermagem**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18471/rbe.v32.27560>. Acesso: 15 out. 2022.

ASSIS, P.C; FAVORETTO, C.K; NETO, G.B.; GOMES, C.E. Fatores associados à taxa de doações efetivas de órgãos sólidos por morte encefálica: uma análise espacial nas Unidades Federativas do Brasil (2012-2017). **Revista Estudos Econômicos**, São Paulo, SP, v.53, n. 2, Apr-Jun 2023, <https://doi.org/10.1590/1980-53575322pcgc>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS. Dimensionamento dos Transplantes no Brasil e em cada estado (2016-2023). Registro Brasileiro de Transplantes

BATISTA, M.E.P.; TELLES, C.F.S.; PIEROTTO, A.A.S.; BARILLI, S.L.S.; ROCHA, K.R.; ROSA, R.R.; PERADOTTO, B. C, TREVISO, P. Justificativas de Familiares para a Não Autorização de Doação de Órgãos: Estudo Documental. **Brazilian Journal Off Transplantation**, São Paulo, SP, v.27, p. 1-8, 2024.

CAJADO, M.CV.; FRANCO, A.L. Doação de órgãos e tecidos para transplantes: impasses subjetivos diante da decisão familiar. **Revista Baiana saúde pública**, Salvador, BA, v. 40, n. 2, p. 480-499, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2016.v40.n2.a2164>. Acesso: 22 de julho de 2025.

FERNANDES, M. E. N.; BITTENCOURT, Z. Z. L. C.; BOIN, I. F. S. F. Vivenciando a doação de órgãos: sentimentos de familiares pós consentimento. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, SP, v. 23, v.5, p. 895-901, set.-out. 2015. Disponível em: [DOI: 10.1590/0104-1169.0486.2629](https://doi.org/10.1590/0104-1169.0486.2629). Acesso: 20 de julho de 2025.



GROSSI, M.G.; PRADO, L.B.; SOUZA, G.P.S.; SANTOS, J.P.; BEZERRA, A.S.M.; MARCELINO, C.A.G.; ALMEIDA, A.F.S.; AYOUB, A.C. Análise comparativa do consentimento familiar para doação de tecidos em função da mudança estrutural do termo de doação. **Journal Einstein**, São Paulo, SP, v.12, n.2, p. 143-148, 2014. Disponível em: [DOI: 10.1590/S1679-45082014AO2555](https://doi.org/10.1590/S1679-45082014AO2555). Acesso: 20 de julho de 2025.

KNHIS, N.D.; LEITZKE, T.; ROZA, B.A.; SCHIMER, J.; DOMINGUES, T.A. Compreensão da vivência da família frente à hospitalização, morte encefálica e entrevista para doação de órgãos. **Revista Ciência Cuidado Saúde**, Maringá, PR, v.14, n.4, p.1520, 2015. Disponível em: [DOI: 10.4025/cienccuidsaude.v14i4.26060](https://doi.org/10.4025/cienccuidsaude.v14i4.26060). Acesso: 01 de agosto de 2025.

KNHIS, N.S.; MARTINS, S.R.; MAGALHÃES, A.L.P.; RAMOS, S.F.; SELL, C.T.; KOERICH, C.; BREHMER, L.C.F. Entrevista familiar para doação de órgãos e tecidos pressupostos de uma boa prática. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.74, n.2, p.1-9, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0206>. Acesso: 03 de agosto de 2025

MENDES, K.D.S.; SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVÃO, C.M. Revisão Integrativa: método de pesquisa para incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, SC, v.17, n.4, p.758-64, Out-Dez, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

MORAES, E.L.; MASSAROLLO, M.C.K.B. A recusa familiar no processo para a doação de órgãos e tecidos para transplante. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, SP, v. 22, n.2, p.131-135, 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1099606>. Acesso: 01 de agosto de 2025.

ROSSATO, G. C.; GIRARDON, N.M.O.; COGO, S.B.; NIETSCHE, E.A.; DALMOLIN. A experiência de famílias não doadoras frente à morte encefálica. **Revista Enfermagem UERJ**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2020.51140>. Acesso em 15 de julho de 2025.

WEISS, J. SHAW, D.; SCHOBER, R.; ABATI, V.; IMMER, F. Attitudes towards organ donation and relation to wish to donate posthumously. **Swiss Medical Weekly**, 2017. Disponível em: [DOI: 10.4414/smw.2017.14401](https://doi.org/10.4414/smw.2017.14401). Acesso: 03 de agosto de 2025. .